

O poder das palavras

AUTORA DO LIVRO MAIS VENDIDO NO BRASIL EM 2020, *PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA*, DJAMILA RIBEIRO JÁ LANÇOU MAIS DE 25 ESCRITORES NEGROS COM SEU SELO, QUE VEM REVOLUCIONANDO O MERCADO EDITORIAL. NO ANO PASSADO, FUNDOU UM INSTITUTO DE ACOLHIMENTO A MULHERES VULNERÁVEIS. É TAMBÉM MÃE DE TULANE, DE 18 ANOS, E AINDA ENCONTRA TEMPO PARA BAGUNÇAR O IMAGINÁRIO POPULAR FAZENDO PARCERIAS COM GRANDES MARCAS EM SUA REDE SOCIAL COM 1 MILHÃO DE SEGUIDORES

POR MARÍLIA KODIC

FOTOS CASSIA TABATINI

ENQUANTO A TELEVISÃO exaltava paquitas loiras, os colegas da escola zombavam de sua religião e os meninos não queriam dançar com ela, Djamila Ribeiro já começava a trilhar um caminho de notável sucesso e impacto social. Hoje, aos 43 anos, é escritora best-seller, coordenadora de um selo editorial e um instituto para mulheres, mestre em filosofia, professora universitária da PUC São Paulo, colunista da *Folha de S.Paulo*, influenciadora digital com 1 milhão de seguidores, garota-propaganda da Prada e mãe zelosa, para citar alguns atributos. Nascida em Santos em 1980, ela começou a despontar no cenário cultural brasileiro em 2014, ganhando visibilidade na internet escrevendo sobre o feminismo negro em veículos como *Blogueiras Negras*, *Revista AzMina* e *CartaCapital*. Em 2015, escreveu o prefácio do livro *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis. No ano seguinte, foi nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo durante a gestão de Fernando Haddad. Em entrevista a *Marie Claire*, Djamila avalia o papel de porta-voz do feminismo negro (e a fadiga proveniente dele); repassa os momentos mais decisivos da carreira, como quando discursou na ONU em março deste ano; analisa o mercado editorial brasileiro, que até 2016 tinha apenas 10% de autores não brancos; e rememora a relação com suas ancestrais femininas, abordada em seu último livro, *Cartas para Minha Avó* (Companhia das Letras, 2021). Nos dá ainda um spoiler, em primeira mão, sobre uma nova e estimada conquista profissional.



MARIE CLAIRE: Você se tornou uma espécie de porta-voz do feminismo negro no Brasil. Esse lugar às vezes cansa?

DJAMILA RIBEIRO: Me canso sobretudo da falta de humanização das mulheres negras. É como se tivéssemos que atender a demandas o tempo inteiro, como se já não fizessemos um monte de coisa. É cansativo quando nos colocam num lugar de ter que estar sempre servindo. Ou quando nos endeusam – isso desumaniza. Às vezes o que me cobram já tem nos livros que escrevi. As pessoas que têm acesso à discussão sobre racismo querem delegar a transformação. É sempre: “Ah, eu não sabia”. Tem um momento em que o tempo da inocência precisa acabar. Senão os brancos sempre acharão que temos que mastigar tudo. É um processo que leva tempo. Tem que ler, estudar, escutar, se incomodar e se repensar.

MC: Você transita entre a academia e a rua, seus livros são lidos por intelectuais e por pessoas sem educação formal. O que traz mais realização?

DR: Sempre quis falar para fora da bolha. Às vezes ficamos no universo da academia usando termos que não são

compreensíveis para a maioria da população. Se falo de temas que dizem respeito à transformação da sociedade, parece contraditório falar somente com um determinado tipo de pessoa. Me toca mais quando pessoas que cresceram alheias a esse debate me abordam, sejam trabalhadoras domésticas do Grajaú ou alunos de um colégio de elite que estão estudando meu livro.

MC: Há três momentos afixados no seu perfil do Instagram: a posse na Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Franco-Alemão de Direitos Humanos e o discurso no Dia em Memória da Abolição da Escravidão, na ONU. Foram os momentos mais decisivos da sua carreira?

DR: Dos recentes, sim. Foi importante levar minha religião à posse da ABL, e foi uma honra ocupar a cadeira de uma das maiores escritoras do Brasil, a Lygia Fagundes Telles. O prêmio Franco-Alemão foi um reconhecimento relevante por estarmos trabalhando pela internacionalização do pensamento de vários autores negros. Na ONU pude mostrar um outro Brasil, que não é o dos filmes americanos, visto somente pela pers-

pectiva da falta, da violência, da sexualização das mulheres. Foi um momento importante na minha trajetória como uma mulher negra brasileira.

MC: O selo editorial Sueli Carneiro, que você criou em 2017 na editora Letramento e que hoje está na editora Jandaíra, tem tido muito sucesso. Sentia falta desse espaço no mercado editorial?

DR: Bastante. Para você ter uma ideia, segundo uma pesquisa da UFRJ, 90% dos livros publicados no Brasil até 2016 eram de autoria branca. O mercado ignorava e invisibilizava a produção intelectual negra. O selo lançou uma série de autores que estão influenciando o debate público e também impactou o próprio mercado, fazendo com que se reinventasse. Hoje todas as grandes editoras do Brasil publicam autores negros e esse mérito sem dúvida tem a ver com nosso projeto. Isso mostra também que o brasileiro estava carente dessa pluralidade – e, quando falo de pluralidade, falo tão somente de algo que já existe na sociedade. Diziam que autor negro não vende. *Pequeno Manual Antirracista* foi o livro mais vendido de 2020. Não é moda passagei-

ra, sempre estivemos aqui. A questão é que agora o mercado está começando a nos enxergar. É importante que as pessoas nos apoiem, inclusive economicamente, porque esses projetos são marcos civilizatórios. Se não há literatura de autoria negra num país de maioria negra, é porque algo está muito errado.

MC: Quais são os seus próximos projetos na literatura?

DR: No fim do ano vamos publicar *Feminismo Dalit*, escrito por mulheres indianas da casta mais discriminada no país, e em maio de 2024 meu livro *Lugar de Fala* [que estreou a coleção *Feminismos Plurais em 2017*, na editora Letramento] vai sair em inglês pela Yale University Press. Vou dar em primeira mão para você, ainda não contei para ninguém: o prefácio é assinado pela Chimamanda Ngozi Adichie [escritora nigeriana]. Eu a conheci no ano passado, no Rio de Janeiro, e ela foi de um afeto profundo. Disse que queria me ler, e, quando contei que ia sair em inglês, ela ficou entusiasmada e se ofereceu para fazer parte. Fiquei chocada. Ela mandou o prefácio no dia 11 de julho, nunca vou esquecer esse dia.

MC: Você diz que *Cartas para Minha Avó*,

seu último livro, possibilitou uma reconexão com a sua ancestralidade feminina. Em que momento essa conexão se perdeu?

DR: Escrevi o livro num momento em que eu questionava por que estava com tanta pressa, fazendo tanta coisa, querendo atender aos padrões de uma sociedade capitalista patriarcal. Sempre tive que provar que era a melhor, fazer cinco vezes mais, e percebi que estava numa lógica totalmente masculina, no sentido ruim do termo. Então fui elaborando essas dores e me reconectando com as mulheres da minha família. Minha mãe estava sempre irritada, tendo que lidar com questões do marido e de quatro filhos. Eu pensava: “Jamais serei como ela. Credo, ficar em casa cuidando de filho”. Mas, com o tempo, e depois de me tornar mãe, comecei a valorizar e a humanizar esse lugar. Meu pai foi quem me incentivou a estudar, mas quem lavou minha roupa, cozinhou minha comida, penteou meu cabelo de maneira impecável e me ensinou a andar de cabeça erguida foi minha mãe. E minha avó era a figura feminina do afeto. Quando passava férias na casa dela, não precisava provar que era inteligente ou me defender de nada, podia ser só uma criança amada pela avó.

“Se não há literatura de autoria negra num país de maioria negra, é porque algo está muito errado”

DJAMILA RIBEIRO

Pontos altos

NOS LIVROS, NA ACADEMIA, NA ONU



1980
Nasce em Santos. Aqui, com os pais, Erani e Joaquim



1984
Com os irmãos no Natal (ela está sentada à direita do Papai Noel)



2011
Em sua primeira viagem internacional, na Universidade de Oregon, onde participou da 19ª Simone de Beauvoir Society Conference



2017
Cria o selo editorial Sueli Carneiro, voltado para a produção intelectual negra



2020
Pequeno Manual Antirracista torna-se o livro mais vendido no Brasil



2021
Lança *Cartas para Minha Avó*, em que escreve para a avó Antonia



2022
Com Chimamanda Ngozi Adichie no palco da LER - Salão Carioca do Livro. A escritora nigeriana assina o prefácio do próximo livro de Djamil



2022
Toma posse na Academia Paulista de Letras

FOTOS: ACERVO PESSOAL; REPRODUÇÃO; GETTY IMAGES/NELSON ALMEIDA; ACERVO PESSOAL; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; MAX FELIPE/DIVULGAÇÃO



2022
Fundação Espaço Feminismos Plurais



2023
Com a filha no Prêmio Franco-Alemão de Direitos Humanos



2023
Discursa na ONU no Dia em Memória da Abolição da Escravidão



2023
Na Feira Internacional do Livro (FIL) de Ribeirão Preto (SP)

MC: Você se iniciou no candomblé ainda criança. Que papel tem a espiritualidade na sua trajetória?

DR: A dimensão espiritual é central na minha vida, mas eu a negligenciei por muito tempo. Minha mãe nos obrigava a ir ao candomblé, mas eu tinha vergonha, porque era discriminada. Quando me iniciei, fui à escola com todos os símbolos e um menino arrancou meu turbante. Neguei o candomblé e só voltei a ele em 2013. Esse retorno foi importante, pois me completou num lugar de pertencimento. Eu não seria quem sou se não fosse filha de Oxóssi com Iansã.

MC: Há uma leitura de Iansã, a guerreira feminina, que a associa a braveza e fúria. Já Ogum, o guerreiro masculino, é corajoso e valente. O machismo está aí também?

DR: Sim, infelizmente. Colocam Iansã como louca, histérica, e atribuem características positivas a Ogum. É uma visão patriarcal e colonial. Iansã não se submete a isso, ela luta contra o patriarcado, mas ao mesmo tempo é extremamente leal a Xangô, seu companheiro. Ela pode ser representada pelo búfalo, que tem essa força, mas também pela

borboleta, que é leve e flui. As divindades femininas são libertadoras para as mulheres – independentemente de você ser da religião, porque você pode entendê-la como cultura.

MC: O terreiro, um espaço historicamente negro, tem virado “moda” em bairros mais elitizados, mais brancos. Como vê isso?

DR: Olho com preocupação para essa coisa alegórica. Não há como esquecer o histórico de perseguição a religiões de matriz africana. Às vezes as pessoas não têm respeito com os fundamentos, não entendem que é uma religião negra. É importante que elas sejam antirracistas e honrem o legado. Não é meramente fazer uma foto. É uma cultura ancestral que exige compromisso e respeito.

MC: Você tem mais de 1 milhão de seguidores no Instagram. Sente a pressão de influenciar tantas pessoas?

DR: Muitas vezes as pessoas nas redes não querem debater, só querem polêmica. O ódio engaja. Mas fui aprendendo a falar mais sobre o que quero e não reagir tanto.

MC: Como é sua autoimagem? Se vê como uma mulher bonita?

DR: Sim, mas foi uma conquista. Meu pai dizia que eu era linda, mas eu sofria violências na escola, ninguém queria dançar comigo na festa, todas as mulheres nas revistas eram brancas, todas as paquitas eram loiras... Foi um processo de construção de autoestima. Hoje amo ser quem sou, com todas as minhas imperfeições. E aceito muito bem envelhecer. Minha mãe morreu aos 51 anos, então, quando me perguntam qual é meu sonho, falo que é envelhecer.

MC: Já trabalhou com grandes como Prada e Johnnie Walker. Como decide as marcas às quais se associa?

DR: Recebo muitas propostas e recuso 90% delas. Não faço nada em que não sinta verdade. Não sou modelo, não sou uma influenciadora no sentido puro e simples. Não vou anunciar: “Compre essa bolsa”. No caso da Prada, aceitei porque acho interessante desestabilizar e confundir. No Brasil gostam de ver mulheres negras no lugar de sofrimento, de subalternidade. É o que engaja. Quis bagunçar esse imaginário. Por que as mulheres brancas não podem se sen-

BELEZA: MAQUIAGEM CÂMILA ANAC, CABELO VIRGINIA (STYLLUS); EDIÇÃO DE MODA: ANA WAINER; SET DESIGNER: ANA ARIETTI; PRODUÇÃO EXECUTIVA: VANDECA ZIMMERMANN; PRODUÇÃO DE MODA: TULLIO MIELLES; JESSICA KELLY; TRATAMENTO DE IMAGEM: HELENA COLLINY

FOTOS: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; DIVULGAÇÃO

“Meu pai dizia que eu era linda, mas eu sofria violências na escola, ninguém queria dançar comigo na festa, todas as paquitas eram loiras...”

D. R.



Patrocínio Master



Patrocínio



Apoio

